

## De novo à beira do Tejo

Olhando hoje para as provas expostas há dois anos, no Arquivo Municipal de Lisboa / Fotográfico, tenho a mesma emoção que senti ao vê-las sair da impressora, nas vésperas da exposição em Abril de 2010. Isto nem sempre acontece com o meu trabalho. A exposição atraiu então muito público e causou admiração por apresentar outra perspectiva da cidade, olhando o rio e a cidade de um ponto de vista alto, impossível de atingir pelo comum dos mortais, recorrendo à utilização de uma grua dos Serviços Municipais, capaz de chegar a 25 metros altura.

A cidade evolui sem interrupção; quem aqui vive, passa muitas vezes ao lado das transformações; olhando para as fotografias, percebemos que dois anos é muito tempo na vida de uma cidade, muitas transformações aconteceram neste período. Neste caso a conclusão da obra do Terreiro do Paço e a do novo cais do Jardim do Tabaco. Impunha-se refazer algumas imagens desactualizadas.

Também cresceu o movimento de navios de grande porte, cruzeiros que vêm diariamente encostar aos diversos cais da cidade, descarregando milhares de viajantes e turistas. Os Lisboaetas sentem a presença regular destes enormes navios, nos cais de Santa Apolónia, Jardim do Tabaco e Alcântara. E se na primeira exposição fazia sentido dizer-se que o Tejo era apresentado despovoado de embarcações, agora o rio está bem animado.

Desejo que a apreciem, tanto quanto esta equipa que a produziu teve prazer em a realizar. Com todas as transformações, a cidade continua igual a si própria, a mesma presença do rio imenso, a mesma luz branca inconfundível, a mesma juventude e alegria. Enfim Lisboa...

Luis Pavão - Maio de 2012

A exposição *Lisboa à beira Tejo – Fotografias de Luís Pavão*, parte de uma ideia original de Luísa Costa Dias, e é o resultado da parceria entre o Arquivo Municipal de Lisboa e o Padrão dos Descobrimentos, que em 2010 se juntaram com o objectivo de dar a conhecer a Lisboa ribeirinha de 1860 a 2010. Nesse ano, o núcleo antigo ficou exposto no Padrão dos Descobrimentos e o núcleo contemporâneo no Arquivo Municipal de Lisboa / Fotográfico. Ao recuperarmos parte deste projecto - núcleo contemporâneo - temos a intenção de proporcionar ao público do Padrão dos Descobrimentos o olhar do Fotógrafo Luís Pavão sobre a interacção entre Lisboa e o rio Tejo.

Luís Pavão trabalha com fotografia desde 1979. Entre 1986 e 1989 estuda Conservação de Fotografia tendo concluído o Mestrado no Rochester Institute of Technology, EUA, em 1989.

Actualmente exerce a actividade de fotógrafo apenas no ramo da fotografia de arquitectura. É conservador do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa, e professor na Escola Superior de Tecnologia de Tomar.



### / Padrão dos Descobrimentos

Av. Brasília | 1400-038 Lisboa  
T. 213 031 950

[www.padraodosdescobrimentos.egeac.pt](http://www.padraodosdescobrimentos.egeac.pt)  
[padraodosdescobrimentos@egeac.pt](mailto:padraodosdescobrimentos@egeac.pt)

De 2ª a Domingo das 10.00h às 19.00h / Última entrada às 18.30h

 **arquivomunicipal de lisboa**

/ EXPOSIÇÃO

## Lisboa à beira Tejo

fotografias de Luís Pavão

10 de junho / 09 de setembro 2012

**Padrão dos Descobrimentos**

 **arquivomunicipal de lisboa**





Panorâmica de Lisboa, tirada do Castelo de Almada, 2010  
©Luís Pavão

Aconteceu-me apenas uma única vez, chegar a Lisboa, vindo do outro lado do Atlântico, a bordo de um cargueiro. Entrei na barra num fim de tarde, no final do mês de Agosto de 1989, após duas semanas de travessia do oceano. Recordo-me da entrada no Tejo como se fosse hoje, inesquecível: o rio amplo e sossegado como um lago, a cidade tranquila ao cair da noite, ainda bem iluminada, deslumbrante, com as suas colinas suaves. Uma paz enorme pairava no ar, como se de uma cidade tropical se tratasse, com os seu ruídos bem distintos, vozes e gritos de crianças e o ladrar de um cão ao longe, misturados com o ranger das amarras do barco atracado no cais do Jardim do Tabaco.

*”Recordo-me da entrada no Tejo como se fosse hoje, inesquecível.”*

*“Quem nasce e vive em Lisboa sente a força constante desta enorme massa de água e dos horizontes alargados que nos permite alcançar.”*

A presença do rio sobre a cidade é avassaladora. Quem nasce e vive em Lisboa sente a força constante desta enorme massa de água e dos horizontes alargados que nos permite alcançar. O espaço que o rio nos oferece é indispensável para o lisboeta, e mais do que um acidente natural, o rio Tejo é um prolongamento da cidade, alarga-nos o horizonte, permite-nos ver mais longe e respirar melhor.

Lisboa é habitualmente representada, risonha, cheia de sol e de contrastes. Com nevoeiro e chuva, a cidade é pouco fotografada, dada a recusa da fotografia tradicional em mostrar condições adversas. Contudo, aproveitando para fotografar com mau tempo, temos muito a ganhar: chuva e nevoeiro envolvem de tristeza e romantismo as grandes estruturas, podem isolar os edifícios de cercaduras agrestes, sugerir mistério e surpresa; os panoramas da cidade com o céu encoberto e carregado de nuvens podem ganhar em expressão e conseguir maior unidade entre o céu e a terra; estes céus barrocos são fantásticos para acompanhar paisagens industriais e a cidade ganha em dramatismo mostrando a malha urbana debaixo de um céu de trovada.

**Luís Pavão**